

“No fundo do canto” reverberam os sons da violência: uma análise da poesia de Odete Semedo

“No fundo do canto” reverberate the sounds of violence: an analysis of Odete Semedo’s poetry

Ianes Augusto Cá

Estudante de Licenciatura do curso de Letras – Língua Portuguesa sob orientação da Profa. Dra. Jo A-mi (lotada no Instituto de Humanidades e Letras), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. É bolsista de Iniciação à Docência – PIBID/UNILAB e membro do Grupo de Pesquisa e Estudos Interartes ATELIÊ no qual o trabalho foi desenvolvido.

E-mail: ianes@aluno.unilab.edu.br

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar dois poemas intitulados *Bissau é um enigma* e *Quando tudo começou Bissau não quis acreditar*, da obra *No Fundo do Canto* (2003), da poetisa guineense Odete Costa Semedo. A metodologia foi baseada em pesquisa bibliográfica, leitura crítica e fichamento dos textos. De modo geral, percebe-se que em *No Fundo do Canto* o eu-lírico está voltado às questões da violência inerentes aos processos de independência do povo guineense numa empreitada que busca, no sentimento patriótico, uma ferramenta para o combate aos problemas e desafios que se colocam perante essa nação.

Palavras-chave: Violência. Literatura. Guiné-Bissau.

Abstract: This study aims to analyze two poems entitled *Bissau é um enigma* e *Quando tudo começou Bissau não quis acreditar*, from the book “No Fundo do Canto” (2003), of the Guinean poet Odete Costa Semedo. The methodology was based on bibliographic research, critical reading and annotations. In general, it is clear that “No Fundo do Canto” the lyrical self is focused on the issues of violence inherent in the processes of independence of the Guinean people in a project that seeks, in the patriotic feeling, a tool to combat the problems and challenges that stand before this nation.

Keywords: Violence. Literature. Guinea-Bissau.

1 Introdução

Inicialmente, antes de falar da violência na obra de Odete Costa Semedo, é necessário sintonizar o leitor sobre algumas considerações no que diz respeito ao nascimento da literatura da Guiné-Bissau – pois o aparecimento da literatura nesse país tem a ver com o contexto da colonização, servindo como propósito denunciar a violência e o mal-estar entre o colonizador e o colonizado no século XIX. Portanto, para se falar sobre a literatura de qualquer país africano de língua portuguesa, diferentes momentos sociais na história, na política e na cultura das sociedades africanas devem ser levados em conta.

No caso dos processos de colonização e pós-colonialismo guineenses, tem-se a experiência da luta da independência ser seguida pela violação de direitos humanos

causada pelos próprios representantes do povo na luta pelo poder: a violência da colonização, a luta pela Independência e a distopia da pós-colonização contribuíram para o aumento da ferocidade dos guineenses em busca do poder. Nessa perspectiva, a literatura contemporânea do país traceja a imagem da violência em diferentes aspectos com o escopo de denúncia – o que poderemos constatar em Odete Semedo, através do livro *No fundo do canto*.

2 Violência na Guiné-Bissau

A violência na Guiné-Bissau está diretamente ligada à violação dos direitos humanos. A discussão e a vivência da violência em países colonizados entranham-se como um processo social e cultural contínuo que se reforça enquanto caráter de opressão e subjugação do colonizado aos desmandos e manipulações do colonizador. Como diz Franz Fanon (1968, p. 197-198),

o domínio colonial [...] fez com que se desarticulasse de modo espetacular a existência cultural do povo subjugado. A negação da realidade nacional, as novas relações jurídicas introduzidas pela potência ocupante, o lançamento à periferia, pela sociedade colonial, dos indígenas e seus costumes, a usurpação, a escravização sistematizada dos homens e das mulheres tornam possível essa obliteração cultural. [...] A área cultural é então delimitada por muros e marcos indicadores. São outros mecanismos de defesa do tipo mais elementar, assimiláveis por mais de um motivo ao simples instinto de conservação. O interesse desse período é que o opressor não chegue a se satisfazer com a inexistência objetiva da nação e da cultura oprimidas. Envidam-se todos os esforços para levar o colonizado a confessar a inferioridade de sua cultura transformada em condutas instintivas, a reconhecer a irrealidade de sua nação e, finalmente, o caráter inorganizado e inacabado de sua própria estrutura biológica.

Ora, a Guiné-Bissau é um desses países colonizados que passaram por muitas violências com a chegada dos portugueses. A luta de libertação nacional foi um dos mais longos conflitos armados nesse espaço, fazendo desse país a primeira colônia portuguesa na África a conquistar a sua independência unilateral, em 24 de setembro de 1973, sendo proclamada e reconhecida mais tarde pelo governo português apenas em 10 de setembro de 1974 (lembrando que foi a independência política, e não cultural, visto que ainda nos livros didáticos e no cotidiano permaneceu a cultura portuguesa). Durante o processo de independência, o país passou por muitos momentos de violência. Após a independência, podemos citar várias ocorrências, entre elas, a guerra civil que teve início no dia 7 de junho de 1998, em Bissau. Segundo Augel (2007, p. 69),

dos seus trezentos habitantes, mais de oitenta por cento abandonaram suas moradias e fugiram em pânico, tanto para o interior do país como para fora. [...] A fome e as moléstias grassaram no interior, onde a carência era dramática: alimento água, combustível, medicamentos, tudo faltava.

Esses atos violentos fizeram parte dos processos concernentes à própria lógica da colonização ou escravatura, desestruturando e desarticulando a formação e a construção de uma identidade nacional. Exemplo disso é visto, também, nos três golpes sucessivos de Estado (2002 a 2012): o primeiro em 14 de Setembro de 2003 (quando o ex-presidente da República, Koumba Yalá, foi deposto); o segundo golpe entre os dias 1 e 2 de Março de 2009 (em que duas figuras importantes do país foram barbaramente assassinadas: o ex-presidente João Bernardo Nino Vieira e General Tagme Na Waie); e, por último, e mais tenso, o golpe de 12 de Abril de 2012, em que a comunidade internacional se posicionou duramente contra os golpistas. Esses acontecimentos, marcos da violência em Guiné-Bissau, são, por sua vez, matéria literária constantemente visitada por escritores guineenses como Tony Tcheka, Abulai silá, Odete Costa Semedo e outros.

3 *Odete Semedo e a poesia de “No fundo do canto”*

Antes de falar da contribuição de Odete Semedo para a discussão da violência na literatura guineense, abre-se um parêntese para tratar de algo que faz parte da representação literária dessa escritora: a evidência da mulher na sociedade de Guiné-Bissau. Ora, nos países africanos de língua portuguesa, a participação das mulheres sempre pareceu muito discreta. Contudo, à semelhança do patriarcalismo ocidental, a opressão patriarcal africana se dá em diversos níveis, como, por exemplo, quando as mulheres são impedidas de se inserirem no processo de formação escolar como os homens.

Assim, quando se fala de literatura escrita por mulheres em Guiné-Bissau, põe-se em destaque a perseverança incansável da força feminina por diversos caminhos na literatura nacional. Portanto, é fundamental citar algumas escritoras guineenses e suas respectivas obras que deram as suas contribuições, como exemplos: Domingas Samy e Eunice Borges, em *Poilão* (1973); e de novo Eunice Borges e Domingas Samy, na *Antologia poética da Guiné-Bissau* (1990); Maria Marques Ribeiro, com poemas em primeiro momento de construção (com pseudônimo Itchiana) e com publicação de *Eco do Pranto* (1992); Filomena Embaló e seu primeiro romance *Tiara* (1999); Saliatu da Costa, nas obras *Bendita Loucura* (2008) e *Entre a Roseira e a Pólvora, o Capim* (2011), entre outras que tiveram suas publicações nas antologias poéticas do país e no exterior. Portanto, apesar de poucas obras na literatura guineense, as mulheres têm resistido e conquistado gradualmente seu espaço na sociedade e no campo literário. No caso da obra de Odete Semedo, objeto deste trabalho, é pertinente traçar, antes de problematizar a obra em estudo, um pequeno percurso da autora.

Maria Odete da Costa Soares Semedo nasceu em 1959, em Bissau. Recebeu o título de licenciada em Letras pela Universidade de Lisboa e de doutorada em Letras pela PUC de Minas Gerais. Foi professora da Escola Normal Superior Tchico Té, professora colaboradora da Universidade Colinas de Boé e Presidente da Comissão Nacional para a UNESCO, todas em Bissau. Ainda é investigadora Sênior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, INEP-Bissau. Possui diversos trabalhos publicados em várias antologias literárias, jornais e revistas da especialidade na Guiné-Bissau e no estrangeiro. Ela também ocupou alguns cargos políticos importantes do país como:

Ministra da Saúde e Ministra da Educação (este último a assumiu três vezes).

Como escritora, a autora é considerada primeira mulher guineense a publicar um livro individual no campo da poesia intitulado *Entre o ser e o amar* (1996). Com a iniciativa plausível, colecionou as histórias populares do país e conseguiu publicar os dois livros: *SONNÉÁ histórias e passadas que ouvi contar I* (2000) e *DJÉNIA histórias e passadas que ouvi contar II* (2000). Em 2003, com a publicação do livro *No Fundo do Canto* (2003), recebeu o prêmio na categoria escritora de personalidade que contribuiu para o desenvolvimento global da Guiné-Bissau.

3.1 A poesia de *No fundo do canto*

Serão tomados para análise dois poemas do livro *No fundo do canto*, intitulados *Bissau é um enigma* e *Quando tudo começou Bissau não quis acreditar* – que, segundo Ricardo Riso (2008), nasceram do trauma sangrento do conflito armado entre 07/06/1998 e 07/05/1999, em Bissau, que teve como objetivo a instalação do “Governo de unidade Nacional”. Como afirma Augel (2008 p. 49), “a literatura que se está fazendo na Guiné-Bissau de hoje é reflexo da crise política, social e identitária que já se prenunciava e cuja explosão as obras surgidas na década de 1990 profetizavam e confirmavam”. De tal modo que, analisando os dois poemas que compõem o livro em questão, espera-se observar como os aspectos da violência foram retratados nos textos da autora, voltada à questão político-social da Guiné-Bissau, no período de pós-independência (a partir dos anos 1990).

No fundo do canto foi publicado depois da guerra civil de 1998 e retrata a violência ocorrida durante esse conflito. As inquietações do eu-lírico são voltadas às mulheres e crianças, que foram as pessoas mais vulneráveis durante esse massacre.

O livro se alguma vez escrito, terá sons e serão sons de bombolon no tokat-chur¹. Serão sons melodiosamente tristes, mas bem encadeados como o ondular dos corpos das mulheres nas bolanhas². As crianças que desfilarão em fila indiana, abrirão muito suas bocas, mas das gargantas desses pequenos seres não sairão nenhum som. As crianças estarão estafadas, exaustas de pés dormentes sangrando. As mulheres aumentarão ainda mais a tristeza do livro com o seu pranto (SEMEDO, 2007, p.14).

Através do eu-lírico, constroem-se reflexões acerca do ocorrido durante esse conflito. O “bombolon”, por exemplo, representa um instrumento de percussão utilizado pela maioria das etnias guineenses para o “toka tchur”. As crianças, assim como as mulheres, são alvo dos grandes sofrimentos da guerra.

Quando chegamos junto à grande árvore, as crianças atraídas pela sombra e pelo ar fresco, reclamaram um momento de repouso. A água que sobrou no bidão foi repartida a todos num improvisado copo de papel; alguns usaram as

¹ Cumprimento das cerimônias fúnebres tradicionais, inclusive festas (se come, bebe e se sacrificam animais) para recordar da pessoa falecida há algum tempo.

² Vasto terreno alagadiço à beira de um rio, em que se pode cultivar arroz.

mãos: parecia mais prático. Os caju serviram-nos um almoço que deu para enganar o estômago. Sentamo-nos todos. Parecia um ritual. Fez-se silêncio. Uma anedota era capaz de aparecer humor negro; uma passada seria mais despropositada ainda... e o silêncio continuou, quebrado aqui e ali por cantos de pássaros que saboreavam os caju. Naquele instante não se ouviam os tiros. Era o momento de pausa. Sim, momento de pausa. Havia momentos que os tiros deixavam de se ouvir e ninguém entendia porquê. Uns diziam que era a hora de limpar as bocas dos canhões, outros diziam que era a hora das refeições ou das preces (SEMEDO, 2007, p. 14).

Os escritos de Odete, na maioria das vezes, são baseados na descrição da realidade dos acontecimentos que ocorreram no território da Guiné. Ela costuma mostrar o seu olhar crítico sobre a realidade para uma reflexão conjunta acerca da situação em que se encontra o país. A autora mostra como foi a situação do conflito militar, como as crianças e as mulheres sofreram no caminho em busca do abrigo na zona não atingida pela guerra. A poetisa relata tanto o sacrifício que a população passou debaixo de sol, sem água para saciar a sede, quanto da comida – caju e manga eram as frutas que ajudavam muitas pessoas durante o refúgio. Não à toa, violência, destruição e falta da conscientização são condições fundamentais no poema *Bissau é um enigma*. Veja:

Bissau é um enigma
 Guiné um mistério
 Mergulhada numa profunda angústia
 Eu a construir
 E tu a destruíres
 Por que, meu irmão, pergunto
 Se o caminho é único?
 (SEMEDO, 2007, p. 54).

Neste primeiro poema seria muito importante se deter no título “Bissau é um enigma”. Segundo o Dicionário Houaiss (2004, p. 283), a palavra “enigma” significa “algo por sua qualidade ou particularidade, mas difícil de entender; obscuridade de sentimento, mistério”. Assim sendo, apreende-se que esse poema trata de um problema muito grave para as autoridades guineenses: depois da independência do país, não havia pactos sociais entre os governos e a população, pactos que garantissem direitos sociais como educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, segurança, proteção à maternidade etc., ou seja, não existiam políticas públicas para a população guineense.

No trecho “eu a construir/e tu a destruíres/por que, meu irmão, pergunto se o caminho é único?”, há dois vocábulos antônimos (construir X destruir) que mostram a separação desse povo: pois tem um que luta pelo bem, outro pela desgraça da população. Não existe uma sintonia entre eles, pois, apesar das tentativas em favor da unificação “para uma guiné melhor”, o projeto nunca avançou.

A Guiné-Bissau prossegue em suas tentativas nem sempre bem-sucedidas de

encontrar um espaço próprio. Os infortúnios e os descabros acumularam-se durante esses trinta anos de “liberdade”, mas também é possível computar-se o enorme esforço por parte da população (e não só da *intelligentsia* nacional) em direção de uma mudança (AUGEL, 2007, p. 76).

Portanto, vale a pena reconhecer o grande esforço feito por muitos. A sociedade civil em especial é um dos atores ativos em busca da reversão da situação da crise assolada no país. Pode-se afirmar que graças ao empenho da sociedade civil é possível pensar a democracia como um processo social legítimo na Guiné-Bissau – mesmo diante dos constantes golpes de Estado que assolam o país.

No segundo poema intitulado *Quando tudo começou Bissau não quis acreditar*, a seguir, a poetisa retrata a violência de uma forma sensível:

O espanto de Bissau
Bissau não quis acreditar
Que estava sendo violada
Violentada
Adulterada

Sentiu os golpes não verteu lágrima
Vergonha
Com a dor dos seus filhos
Mas não se quebrou
Ajoelhou-se
Mas não caiu

Sentia no seu corpo
A violência
Do corpo estranho
Do mau trato...
E num grito
Disse:
Porque tudo isso oh Guiné?
Porque tudo isso
Minha gente, porquê?
Calou-se
Olhou os seus filhos
(SEMEDO, 2007, p. 69).

No poema, o eu-lírico contempla o desejo pela paz. Mostra o amor que o país tem para com seus filhos (mesmo sofrendo a violência). No trecho “Bissau não quis acreditar/Que estava sendo violada/Violentada/Adulterada”, pode-se afirmar que a inquietação e o sentimento da autora estão voltados ao impasse político que proporcionou a revolta militar no país, em 1998, quando os próprios representantes políticos da libertação colonialista tornaram-se autores das dores da nação. O país, que “sentiu os golpes não verteu a lágrima”, proclama a angústia e o sofrimento “com a dor dos seus filhos/ mas não se quebrou/ Ajoelha-se/ mas não caiu”.

O eu-lírico chama atenção à união do povo guineense para construção da nação sem guerra, sem violência, justa para todos; questiona: “por que, meu irmão, pergunto/se o caminho é único?”, colocando o povo guineense numa encruzilhada que exige o sentimento patriótico genuíno para que o país possa encontrar vias para solucionar os problemas e os desafios que se colocam nesse lugar. Exorta a uma união patriótica para projetar o novo rumo do país, com o objetivo de devolver à nação os seus valores identitários numa união efetiva entre as representações políticas.

4 Considerações finais

Diante das experiências de violência vividas no período pós-colonial em Guiné-Bissau, pode-se pensar, de acordo com Frantz Fanon (1968, p. 25), que “a descolonização é simplesmente a substituição de uma ‘espécie’ de homens por outra ‘espécie’ de homens”, ou seja, a realidade guineense nos leva a crer que a violência que se faz hoje em países colonizados guarda os vestígios da chamada “época da colonização” através do uso da força, do poder e de privilégios para dominar, submeter e provocar danos à população – com as perversas consequências características da violência social e cultural vivenciadas por meio de perseguições políticas, desconhecimento de direitos sociais básicos, miséria social, desvalorização de políticas públicas de assistência social.

Odete Semedo, “uma alma inquieta da Guiné-Bissau”, tem a preocupação de falar criticamente sobre os acontecimentos violentos que aconteceram recentemente na nação guineense. Após a análise dos dois poemas, percebe-se que o trauma do sangrento conflito civil armado naquele país desvela-se em matéria poética para o canto-poema de *No fundo do canto*, fazendo-nos mergulhar pelos vários descaminhos políticos pós-independência.

Assim, ao tratar da história recente do país e do horror da guerra, Odete Semedo contribui para a afirmação da identidade nacional, buscando desconstruir a nação para reconstruí-la poeticamente.

Referências

AUGEL, Moema Parente. “Literatura e inclusão”: o papel dos escritores guineenses no empenho contra a invisibilidade. *Revista Via Atlântica*, Universidade de Bielefeld, Alemanha, vol. 12, nº 47, p. 47-66. Dez/2008.

_____. *O desafio do escombro: nação identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Colonização Brasileira, 1968, vol. 42.

HOUAISS, Antônio. *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

RISO, Ricardo. Crítica literária: Odete Costa Semedo. “No fundo do canto”. *Revista África e Africanidades*, [S.l.], vol., nº1, p.1-5. Maio/2008.

SEMEDO, Odete Costa. *No fundo do canto*. Belo Horizonte: Nandaya, 2007.